REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

9.° ANNO | 1 DE AGOSTO DE 1886 | VOLUME IX — N.° 274

SUA MAGESTADE EL-REI D. LUIZ I
(Segundo uma photographia de Fillon)

CHRONICA OCCIDENTAL

Ordinariamente a politica portugueza costuma ser incompativel com o calor.

Quando o tempo quente se approxima a politica arrefece: o calor das paixões partidarias não se dá bem, habitualmente, com o calor do verão, e quando o theatro de S. Carlos se fecha e os hoteis de fóra da terra se abrem, é antiga usança lisboeta não se falar mais de politica nem de musica, cada qual tratar de fazer as suas malas, de procurar a sua casa de campo, de escolher a sua praia, e durante tres ou quatro mezes a politica desapparece com os cantores, e ninguem mais pensa em regeneradores ou em progressistas, em tenores ou em *primas donnas*.

Ao menos valha-nos isso a nós, que persistimos tenazmente em não tratarmos de politica, apesar dos annos virem chegando a grande velocidade, e os cabellos fugindo com rapidez vertiginosa: estes mezes de verão traziam-nos uma doce compensação ao calor asphixiante, e quando o thermometro começava a subir, a subir, nós consolavamo-nos com as boas ferias que davam aos nossos olhos e aos nossos ouvidos os jornaes sem violentos artigos partidarios, as conversações sem referencias permanentes ao discurso do ministro da fazenda, e á moção de censura do *leader* da opposição.

Esta ausencia de politica era o nosso sorvete, a nossa carapinhada, a nossa melancia, já que a verdadeira melancia sem figura de rhetorica e com talhadas assucaradas e vermelhas nos é prohibida por uma dyspepsia impertinente.

Mas tudo muda n'estes tempos voluveis que vão correndo: as tradicões andam para ahi de pernas para o ar, como *clowns* em circo, e exactamente este anno, quando fechados S. Carlos e S. Bento, dois santos que preoccupam muito Lisboa, mas que não se parecem nada um com o outro — seja dito em honra do bom S. Carlos —, nós imaginavamos que iamos estar quatro mezes livres do *Trovador* e das cartas de lei, eis que surgem os decretos da dictadura no *Diario do Governo* e as operas de Verdi no Colyseu dos Recreios a obrigarem todas as conversações lisboetas á musica e á politica.

Ha uns verões a esta parte o assumpto palpitante fôra tomado de assignatura pelo microbio gangetico.

Era sabido que quando as ginjas começavam a avermelhar o cholera apparecia, cheio de ameaças, no horizonte, e não havia remedio senão falar n'elle todo o verão.

Quando as primeiras brisas do outomno principiaram a passear pela Avenida, o temor do cholera dava meia volta á direita, e favorecia-nos com a sua ausencia.

Mas antes de se ir embora amarrava lenço, marcava o seu logar, e logo no anno seguinte, quando os restaurantes principiavam a servir o gelo, e o sr. Fonseca da Boa Vista n.º 8 annunciava as celebres pyramides de estrellas de Georges Pain, apparecia logo o terror do cholera a desatar o seu lenço e a repoltrear se no seu *fauteuil* de assumpto predominante.

Este anno, porem, o microbio foi para longe, graças ao ceo; que Deus o leve por onde não faça perca; anda lá pela Austria e pela Italia, e não pensou — obrigadissimo! — na peninsula Iberica: estavamos portanto livres dos seus pavores, da cantilena habitual do cordão sanitario, dos contos de lazaretos, das historias do dr. Ferran e do dr. Kock; o logar de assumpto predominante estava vago; appareciam a elle varios concorrentes sem probabilidades de o apanhar, eis senão quando esse logar é tomado de assalto, sem provas publicas, sem precedencia legal, pela politica, por essa massadora coisa que nos não deixa todo o inverno!

Não veio o microbio, mas veio a dictadura, e logo ao mesmo tempo uma immensidade de drs. Ferran a preconisarem vaccinas prophilaticas e antidotos infalliveis.

E como nós não temos a faculdade de fabricar os assumptos, nem sequer n'estes mezes, que d'antes se chamavam da *morte saison* e permittiam ao chronista libertar-se dos decretos dos acontecimentos que se impõem, e confeccionar uma dictadurasinha para seu uso proprio, como não temos remedio senão obedecer aos assumptos quando os ha que dominem, e agora os haja, não podémos, com muito pesar nosso, deixar de falar n'estas chronicas d'aquillo em que toda a gente fala — na politica.

Ora V. Ex.as, meus caros leitores, sabem perfeitamente quanto eu sou avesso a essa coisa: não percebo nada de politica, e, apesar d'isso ser um famoso titulo a metter-me n'ella, nunca sequer o tentei, em boa hora o diga.

E por isso não esperem que eu hoje quebre as minhas santas intenções, e venha para aqui fazer politica, isto é, defender o governo em extasis de admiração beatifica, ou aggredil-o com sete pedras na mão — não se admirem da phrase, porque effectivamente a pedra é ha muitos annos a arma usada n'estes combates, cá e em toda a parte, valha isso aos nossos brios patrioticos.

O governo arvorou-se em dictadura, o que pode não ser muito constitucional, d'accordo, mas é incontestavelmente muito mais barato.

O systema de fazer leis em cortes é mais moderno, é mais bonito, mais litterario, mas sae caro como a breca.

Porque no fim de tudo isto não passa de uma questão de processo: o resultado é o mesmo.

A dictadura, dada a nossa maneira de ser politico, é unicamente uma simplificação de expediente.

Quem faz a lei na dictadura? O governo.

Quem faz a lei nas formulas constitucionaes? As cortes.

Mas quem faz as cortes? É o governo.

Portanto tudo vem a dar na mesma, com a differença, muito vantajosa para o thesouro publico e para o thesouro litterario, de se poupar assim uns centos de bons mil réis e umas centenas de maus discursos.

O governo decretou até agora em dictadura a reforma administrativa, a reforma de engenheria, a reforma das repartições de fazenda, e a lei das aposentações.

Todas essas leis teem levantado grande celeuma, teem sido violentamente combatidas, o que não deve ter-lhes causado muita admiração, porque ellas vieram armadas para combate com uns relatorios de ponta e mola.

Os amigos do governo acham que tudo quanto essas leis estatuem é bom; os adversarios entendem que tudo quanto ellas estabelecem é mau.

Nós pedimos a uns e a outros licença para não dar completo credito ás suas palavras, para não acceitar de braços abertos as suas opiniões.

Essas leis dictatorias hão de ter coisas boas e coisas más: a questão está em pesal-as com imparcialidade, em não falsificar as balanças, em não dar com o dedo no fiador, e ver depois qual é o prato que sobe, se o das más, se o das boas.

Não temos competencia para essa verificação de pesos — uma coisa que não embaraça muita gente —, não temos espaço, o que n'estes tempos é uma razão muito mais acceitavel, e alem de tudo não é essa a nossa missão aqui.

Como chronistas temos a obrigação de registar todos os acontecimentos principaes que vão dominando as preoccupações do publico, não temos toga de juiz para julgar em suprema instancia esses acontecimentos.

De todos esses decretos dictatoriaes, o que fez mais bulha em Lisboa foi o das aposentações, e comprehende-se facilmente isso desde o momento em que esse decreto é o que interessa mais directamente á maioria da população, isto é, aos funccionarios publicos.

Nós pertencemos tambem a essa maioria, não temos a vangloria de fazer excepção á regra geral dos nossos bons patricios lisboetas, somos tambem funccionario publico; entretanto temos a respeito das aposentações opinião muito differente á da maioria dos nossos collegas, umas ideas que não são geralmente as da classe a que temos a honra de pertencer.

Nós somos em geral, abertamente, francamente, convictamente, contra as aposentações.

Não comprehendemos essas pensões vitalicias que o Estado faz aos seus funccionarios; não percebemos o motivo porque o Estado, pagando mal quando se trabalha, costuma a pagar do mesmo modo quando esse trabalho cessa, deixando então por uma compensação tardia o adjectivo mal a ser substituido pelo adjectivo bem.

Nós entendemos que o Estado deve pagar largamente, bizarramente, o trabalho dos seus empregados. Os ordenados que para ahi ha são vergonhosos, mesquinhos, indignos. Que esses ordenados dobrem, tripliquem, quadrupliquem, e que cessem immediatamente quando o trabalho cesse, como se faz no commercio, e o commercio é muito mais bem servido que o Estado, com a circumstancia especial e caracteristica de que o empregado do Estado vive sempre atrapalhadamente, e quando se reforma continua a viver nos mesmos embaraços pecuniarios, ao passo que a grande maioria dos empregados de commercio vivem vida desafogada, e quando um dia a edade os obriga a deixar a vida activa, levam para sua casa o bemestar, quando não levam a abastança.

Está bem de ver que nós applaudiriamos francamente uma reforma n'este sentido, comtanto que essa lei não tivesse effeito retroactivo, que os direitos adquiridos fossem escrupulosamente respeitados, e que se desse aos empregados antigos o direito da livre escolha entre o contracto que tacitamente tinham feito com o Estado quando entraram para o seu serviço e o novo contracto que d'ahi para diante o Estado propozesse aos seus funccionarios.

Ora o decreto dictatorial das aposentações nem é baseado n'estas theorias largas, que se nos affiguram justas, nem tão pouco respeita os direitos adquiridos, porque obriga todos os empregados que forem promovidos a pagar uma quota fixa para terem direito á aposentação, quando o contracto feito entre elles e o Estado ao entrarem para o serviço lhes dava o direito de ser promovidos e aposentados n'essas promoções, sem contribuirem com quota alguma para essa aposentação.

E aqui teem muito rapidamente, muito succintamente, o erro capital, o vicio essencial d'esse novo decreto.

E a chronica está no fim. Já falámos de um dos acontecimentos de inverno que este anno passou a ser acontecimento de verão — a politica. Falta-nos falar de outro assumpto nas mesmas condições — a musica.

Isso fica para a chronica que vem, com tanta mais razão que exactamente no dia em que estamos escrevendo é que começa no Colyseu, com o *Ernani*, a opera de verão.

Gervasio Lobato.

EL-REI D. LUIZ

Pede-me o proprietario do OCCIDENTE, e meu presado amigo, o sr. Caetano Alberto, que acompanhe com um artigo, escripto a todo o vapor, o retrato de Sua Magestade. Não se trata porém nem de fazer uma biographia, porque tem sido cem vezes repetida, nem de apreciar o chefe do Estado no desempenho das suas funcções constitucionaes. Felizmente acontece com o sr. D. Luiz que, pondo-se de parte o soberano, fica ainda uma individualidade digna de estudo e de applauso: é a do homem de lettras e do artista.

Brevemente, e n'este mesmo periodico talvez, estudarei a ultima traducção feita pelo regio escriptor de uma tragedia de Shakespeare. Ha mais tempo que tencionava fazel-o, mas esse estudo, para ser serio, tem de ser comparativo e minucioso, e tem me para isso escasseado o tempo.

El-rei deleita-se extremamente com as occupações litterarias. Sempre que póde arrancar-se aos cuidados do governo, eil-o no seu pequeno gabinete com janella para o rio, cercado de traducções de Shakespeare, confrontando, apurando, emendando, commentando. A traducção do *Othello* foi um trabalho esmeradissimo, trabalho de interpretação paciente e cuidadosa, em que el-rei poude resolver, á força de perseverança e de erudição, problemas diante dos quaes tinham estacado os mais eminentes traductores.

Sempre que encontrava alguem que a esses estudos especiaes consagrasse tambem a sua existencia, el-rei lia-lhe as scenas já traduzidas, e acceitava com a melhor sombra e da melhor vontade as observações que se lhe fizessem, não sem as discutir, é claro, e ficando até quasi sempre victorioso, porque elle não escrevia uma linha sem a ter cuidadosamente estudado.

Trabalho herculeo é o que está emprehendendo agora com a traducção da *Esquiva domada (Taming of the Shrewd)*, porque é uma farça cheia de trocadilhos hoje quasi inintelligiveis para os proprios inglezes, mas cujas difficuldades el rei procura domar com tanta energia quanta é a que emprega o heróe da peça para subjugar a sua esquiva.

Não o absorve de tal modo a sua paixão por Shakespeare que não siga com attenção o movimento litterario de Portugal e do estrangeiro.

O movimento theatral sobretudo interessa-o profundamente. Apenas se publica uma peça em França é para el-rei o primeiro exemplar que entra em Portugal. Para seu proprio divertimento, vae-se entretendo em traduzir peças ou trechos de peças, assim como algumas poesias dos poetas que mais lhe agradam. N'esse ponto, confesso que sempre lamentei que el-rei tivesse perdido o seu tempo a pôr em portuguez uma ou duas das *Nevroses* de Mauricio Rollinat, um Baudelaire de contrabando que mal póde compensar com alguns relampagos de talento a absoluta nullidade da grande massa das suas poesias.

É mais feliz muitas vezes na sua escolha, e conseguio interpretar excellentemente um dos mais

bellos trechos da *Fille de Roland* de Henri de Bornier.

Não se limitam á litteratura as suas predilecções artisticas. É desenhador e musico. O violoncello e o piano são os seus instrumentos predilectos. No desenho tem uma rara habilidade. O lapis corre-lhe facil, e, se descae para a caricatura, não tem que invejar aos eximios cultores do genero.

Assim o tempo, que não consagra aos negocios publicos, é nobremente empregado por el-rei nas mais altas occupações do espirito. E, se é sobretudo um litterato e um artista, não lhe é estranho nem um só dos ramos dos conhecimentos humanos. Uma vez succedeu vel-o empenhado n'uma conversação animadissima com um homem de sciencia. Conhecendo as suas predilecções litterarias, imaginei que lhe estaria falando com enthusiasmo em Shakespeare, e estranhei que o interlocutor se estivesse mostrando tão ardente no debate. Não lhe suppunha tambem a elle predilecções shakespearianas. Afinal o que estavam era debatendo uma questão de acustica!

Entre as diversas sciencias, as que mais o captivam comtudo são as que se relacionam com a nautica. Teve sempre uma decidida vocação para official de marinha, e o throno difficilmente o consolou de ter perdido o seu logar no banco de quarto. Relembra sempre com saudade os episodios da sua carreira maritima, e com legitimo orgulho triumphos que obteve quando commandava a *Bartholomeu Dias*. Bem auxiliado por officiaes intelligentes e zelosos, pela marinhagem que o adorava e que se esmerava em lhe ser agradavel, fez da *Bartholomeu Dias* um navio modelo, e os proprios jornaes inglezes registraram a victoria obtida pela corveta portugueza, commandada pelo principe, n'uma especie de regata occasional, em que uns poucos de navios inglezes, naveg ndo de conserva com a *Bartholomeu Dias*, quando a imperatriz de Austria regressou da Madeira, debalde tentaram luctar com ella em velocidade.

Assim, dando á cultura do espirito a consideração que ella merece, El-Rei tem pelos homens de lettras e de sciencia a maior predilecção, e empenha-se tanto quanto possivel em contribuir para o progresso e para o desenvolvimento das lettras, das artes e das sciencias. Vio-se isso ainda bem ultimamente na sua visita á admiravel exposição de faianças das Caldas da Rainha, em que, esquecendo todos os aggravos que podia ter de Bordallo Pinheiro, não hesitou em lhe dar as elevadas provas de consideração, que realmente merece o talento do eximio artista e o relevante serviço que elle está prestando n'este momento á industria nacional.

Como presidente da Academia Real das Sciencias, não falta a uma unica sessão, e á sua iniciativa deve já muito aquella corporação. O estabelecimento de um premio annual de um conto de réis para a obra mais notavel de arte ou de sciencias que em Portugal se escrever, premio que El-Rei dá do seu proprio bolsinho, deve ter uma alta influencia no nosso desenvolvimento litterario e scientifico, porque garante aos que obtiverem o premio uma recompensa razoavel do seu trabalho e do seu talento.

Eis o que podemos dizer d'El-Rei como artista, como homem de lettras e como homem de sciencia. Fallámos do sr. D. Luiz de Bragança, não de El-Rei. É tão revoltante cercar de lisonjas a nullidade, quando cinge uma corôa, como negar o louvor merecido ao talento d'aquelles, que o acaso do nascimento fez herdeiros de um throno. Seria no primeiro caso uma subserviencia ás vaidades da realeza, no segundo uma humilhação diante das paixões da demagogia. O merito que applaudimos agora tem-se assignalado em obras, que todos podem apreciar e criticar. É por isso tambem que mais desassombradamente expomos o nosso modo de ver.

Pinheiro Chagas.

AS NOSSAS GRAVURAS

O CAPITÃO MANUEL SERTORIO DE ALMEIDA AGUIAR

N'uma epoca em que o espirito publico parece resurgir para a contemplação das nossas passadas glorias, e em que a velha Europa se mostra mais que nunca desejosa de entornar no vasto e uberrimo continente africano os abundantes caudaes da sua civilisação, seria imperdoavel deixar no escuro os nomes d'aquelles que de algum modo se acham empenhados na tão rude como honrosa faina de perpetuar nos sertões e nos areaes regados com o sangue de nossos maiores, as tradições dos seus feitos e da nossa indefessa primazia «nos mares nunca d'antes navegados.» Que a nossa ressurreição como grande potencia colonial é mais que exequivel provam-n'o que farte as recentes viagens dos nossos exploradores, os trabalhos da Sociedade de Geographia de Lisboa, o desenvolvimento embora lento de algumas das nossas provincias ultramarinas, o esforço evidente e sincero de alguns dos nossos estadistas afim de avigorar e ajudar os nobillissimos impulsos dos que veem na sustentação das vastas possessões portuguezas de alem-mar a mais soberana affirmação da integridade da patria e da sua importancia politica no concerto das nações. Insufflar no animo das massas estas verdades elementares, mostrar-lhes o que fomos e o que ainda podiamos ser, desenrolar a seus olhos o panorama sem limites d'essas regiões feracissimas d'onde brotam todas as riquezas, convidal-as a uma colonisação remuneradora seria entre nós a mais benefica e opima de todas as propagandas. Infelizmente pouco se tem feito n'este sentido, e as terras de Santa Cruz continuam a ser o enganoso El-dorado dos emigrantes do continente, e particularmente dos habitantes do norte do paiz que as mais das vezes ali vão consumir sem proveito o melhor de suas forças. Por isso, tambem, quanto mais credores se tornam da estima publica os que, desajudados de tudo e de todos, arcando com as doenças e com os perigos, sacrificando a sua juventude, se vão de bom grado arrostar com as intemperies do clima, com as perfidias do gentio, com a voracidade das feras, com a peçonha dos reptis, com os mil flagellos, emfim, que ali parecem conjurados para intimidar e afugentar o homem, — movidos não de avidez, mas do magnanimo sentimento de se nobilitarem honrando a patria!

Está n'este caso o valoroso capitão Manoel Sertorio de Almeida Aguiar cujo retrato hoje damos á estampa.

Oriundo de uma abastada familia, o nosso biographado nasceu em Cabo Verde, d'onde veio ainda menino para Lisboa, indo depois cursar os primeiros estudos em Londres. Os apontamentos que temos á vista são muito succintos, e não nos dizem do tempo que durou o seu noviciado litterario. Não podia, porém, ser muito longo, porque aos 16 annos, em 1870, já o encontrámos assentando praça no batalhão de caçadores da provincia de Cabo Verde, e pouco tempo depois, promovido a aspirante a official. No anno seguinte, sendo já segundo sargento, insurgiram-se os pretos de Cacheu, que parece não serem dos menos bravios. Enviado contra elles, o moço sargento que recebia n'este conflicto o seu baptismo de sangue, investiu o gentio com o denodo de um soldado aguerrido e foi o primeiro a entrar na povoação. O seu comportamento n'este recontro valeu lhe uma ordem do dia do governador promovendo o a primeiro sargento por distincção em combate. Passados alguns mezes recebia Almeida Aguiar ordem de marchar para Bissau afim de tomar parte na defesa do Geba onde se houve por fórma que lhe foi conferida a medalha de valor militar por serviços extraordinarios em campanha.

Nomeado conductor de obras publicas em Bissau desempenhou com alto zelo e intelligencia as funcções do seu cargo. A excellente muralha que circumda a villa foi construida debaixo da sua direcção.

Em 1873, Almeida Aguiar foi promovido a alferes e, como ajudante do batalhão de caçadores 5 de Africa fez parte da columna de operações no sertão de Ginga, commissão em que confirmou mais uma vez o alto conceito em que era tido tanto pelos chefes como pelos subordinados.

N'esta parte não fazemos mais que transcrever as rapidas notas que nos foram ministradas para delinear o esboço biographico do moço official. O que, porém, ellas nos não dizem, mas que os leitores cordatos, e principalmente os que tiverem conhecimento do continente africano, poderão avaliar, é a somma de qualidades que é forçoso reunir para o desempenho de commissões de tal ordem: a energia, o espirito disciplinador, perseverante e inquebrantavel, incapaz de trepidar ante uma só das mil contrariedades que fatalmente hão de sobrevir no desempenho de tão arduas emprezas, tendo as mais das vezes por subordinados individuos para quem o sentimento da obediencia não provém de uma perfeita noção do dever, mas simples e rasteiramente do receio da punição, isto em paragens onde as longas marchas, a ardencia do clima, a natureza do terreno, a fome e as doenças predispõem, senão para a insubordinação, pelo menos para o descoroçoamento. O de que essas notas nos não fallam é dos incidentes, dos contratempos, das fadigas que é necessario debellar todos os dias, a todas as horas, para merecer ás vezes a só recompensa de um elogio estafado. E, sentimol-o, porque, em taes casos, a parte anedoctica é quasi sempre a mais importante e essencial. Todavia, para o observador intelligente, bastará attentar na insinuante physionomia de Almeida Aguiar, na sua presença marcial, cheia de garbo, no seu olhar firme, luminoso e profundo, na sua vasta fronte intelligente, para reconhecer que está ali um forte de espirito e de coração, nobre, valente, generoso.

Todos estes dotes, manifestados a flux desde o começo da sua brilhante carreira, tem n'os Almeida Aguiar confirmado posteriormente, e cada vez com mais luzimento.

É assim que, sendo-lhe confiado n'aquelle mesmo anno de 1873 o commando das forças destacadas em Huilla, elle reprime logo á sua chegada áquella região, com energia e intrepidez verdadeiramente extraordinarias e com o auxilio de sós vinte praças que levava, uma insurreição do destacamento que ia commandar. E, só com os vinte, consegue tomar aos outros a porta do paiol e a da praça, feito porque foi elogiado pelo governador do districto.

Reunindo á intrepidez o juizo prudencial, um certo tacto administrativo e um caracter recto sem demasias de austeridade, Almeida Aguiar desempenhou a contento geral o cargo de administrador do concelho de Caconda, sendo no exercicio d'esse cargo que recebeu ordem de apresentar-se em Loanda afim de tomar parte na importante expedição ao Muata Ianvo, como ajudante de ordens do chefe da mesma expedição, encarregado tambem da secção photographica em razão da sua comprovada competencia n'este moderno ramo da guerra; porque, ás suas variadissimas aptidões, o nosso biographado reune os dotes de artista, e segundo nos asseveram, os de escriptor correcto e fluente.

Como é geralmente sabido, a expedição partiu de Loanda em direcção a Malange, tomando logo o novo ajudante de ordens uma grande dianteira para ir estabelecer as estações *24 de Julho, Ferreira do Amaral, Paiva de Andrade* e *Costa e Silva*. Depois, chegadas que foram as forças expedicionarias, acompanhou-as até Canane, tornando logo a marchar adiante de todos a construir o acampamento a que poz o nome de «Cidade do Porto.» N'esta commissão que ainda dura e de cuja importancia se têem occupado largamente as folhas da metropole, tem Almeida Aguiar provado exuberantemente a sua extraordinaria competencia e as suas multiplices aptidões.

O nosso biographado conta hoje trinta e dois annos de edade, metade dos quaes consumidos, como vimos, nas terras africanas, em bons e aturados serviços. E assim que nos honramos de dar á estampa o retrato de tão brioso militar, sentindo não poder acompanhal-o de uma biographia mais completa, o que não nos despedimos de fazer em occasião opportuna.

Uma visita ao Limoeiro

I

Á hora aprasada, 11 da manhã, reuniamo nos, eu e Christino, no *Café Leão d'Ouro*. Christino com uma pontualidade de senhorio usurario em dia 25 e sem se esquecer de nada!

— Traz o album?

— Eil-o aqui.

— O lapis, o canivete...

— Tudo, diz-me elle com ar triumphante.

— Um abraço em premio e partamos.

N'uma meza almoçavam Capello e Ivens com alguns amigos.

— Tambem nos chegou a vez de uma exploração, disse eu a Capello.

— Sim? aonde?

— No Limoeiro.

— No Limoeiro? disseram todos, com espanto. Antes ir á Africa, concluiu Capello.

Christino mudou de côr e olhou-me desconfiado.

— Tranquillise se que não nos succederá mal; tenho aqui uma obsequiosa carta do conselheiro Azevedo, que nos permittirá atravessarmos incolumes aquelle sertão.

— E lá prestarão um guarda para nos acompanhar?

— Um guia, é que você quer dizer.

— Pois seja um guia.

— Teremos um guia. O director da cadeia é um cavalheiro extremamente obsequiador.

E n'isto iamos já á Sé, e avistavamos ao longe os telhados dos antigos paços de S. Martinho e por sobre as nossas cabeças, uns puros capiteis gothicos n'uma janella da Sé, para onde ninguem olha,

mas para onde nos embasbacámos um boccado, com grande satisfação do nosso physico um pouco fatigado da subida.

Mais uma duzia de passos e estavamos em frente do velho edificio que não nos inspiraria os receios da aringa do celebre Bonga, mas que nos impressionava desagradavelmente, com as suas janellas gradeadas de varões de ferro, tão grossos como as nossas pernas, e agarrados a essas grades, com fortes desejos de as transpor, uns andrajosos esqualidos, que não teriam a heroicidade dos assassinos do conde de Ourem, mas que abrigavam sob aquelles tectos nefastos toda a ignorancia ou malvadez que os levara ao crime.

— Malfadado edificio, disse-me Christino, ao subirmos pachorrentamente a escada que dá accesso ao forte portão de ferro que fecha a cadeia.

— E tão malfadado, accrescentei eu, que a historia nada nos diz d'elle, antes do triste successo de 6 de dezembro de 1383.

— Dizem que ainda existe a sala que foi theatro d'essa tragedia.

— É o que vamos ver, e do edificio primitivo, creio que pouco mais resta.

— Tambem de negras memorias melhor fôra que não restasse nada.

— É preciso que se façam trevas para que d'ellas surja com todo o explendor a luz, e n'estes casos bem se póde dizer que foi aqui o alvorecer d'essa grande aurora que principiou a romper com o Mestre d'Aviz e se encobriu com D. Sebastião.

— Dois seculos de explendor.

— Em que Portugal depois de se ter expurgado de todos os seus traidores em Aljubarrota, se desentranhou em portuguezes illustres que lhe haviam de perpetuar o nome.

O ranger dos gonzos da porta que se abria indolentemente, como mais affeita a conservar-se fechada, veio despertar-nos das nossas divagações pela historia e mostrar-nos a cara do carcereiro, toda barbada e macilenta, de sujeito sedentario e divorciado com os raios do sol, que elle de ha muito apenas espreita do seu posto, e vê projectar nas paredes das casas fronteiras.

Um condemnado voluntario que poderá ter inveja dos outros guardas, que ainda assim tem uma folga de 4 dias em cada mez, para tomarem ar e sol mais á vontade.

A carta que levavamos deu-nos facil ingresso, e em poucos minutos estavamos na presença do director da cadeia, o sr. general de brigada reformado Antonio Tavares d'Almeida, um cavalheiro tão austero quanto delicado, que nos ia proporcionar todos os meios de fazermos a salvo a nossa travessia por aquelles corredores escuros e tetricos, que a nossa imaginação povoava de facinoras irreconciliaveis, tão temiveis como os tigres de Africa, substituindo as garras d'estas feras, por pontas de navalhas estrilantes e dilacerantes, mais propensas a esfaquearem a humanidade inteira que a recolherem-se modestamente nas algibeiras das calças de bocca de sino, distinctivo inseparavel do fadista de raça.

O meu amigo Christino, pelo menos, abundava n'estas idéas e não se fartava de me repetir se sempre iria um guarda comnosco, um guarda costas, uma couraça, já que elle tinha tido a imprudencia de não vestir uma cotta de malha.

O sr. general Almeida apressou-se a dissipar estes receios, nomeando um guarda para nosso guia, um rapaz educado e intelligente, que devia ter forçosamente uma grande abnegação, para se sujeitar áquella vida de penitencia, em que poderá muito bem ganhar o céo, mas onde não ganha com certeza a sua indepencia cá no mundo, a trouco de uns magros 400 réis diarios.

— Podem ver tudo quanto desejarem, e depois me dirão se acharam isto tão mau como lá por fóra se diz, observou-nos o sr. director com um sorriso em que se advinhava as surprezas que nos esperavam.

(Continúa) *Caetano Alberto.*

O capitão Manuel Sertorio de Almeida Aguiar
(Segundo uma photographia)

CHRONICAS DE ODIVELLAS

II

Não imagine o leitor que estamos procurando obter um exito facil em Portugal, declamando contra os reaccionarios, e pondo em relevo as

UMA VISITA AO LIMOEIRO

Officinas do pateo, na Cadeia Civil de Lisboa denominada Limoeiro (Desenho do natural por J. R. Christino)

torpezas e os vicios dos frades e das freiras. Essas accusações, essas injurias passaram já completamente para o dominio da banalidade, e somos incapazes de estar a explorar essa mina, em que sempre se encontram preciosidades com que se desperta o riso popular.

Não! o que nós queremos fazer é levantar uma ponta do véu que nos esconde os costumes do seculo XVIII, do nosso seculo XVIII, do seculo XVIII portuguez, ainda tão mal e tão superficialmente conhecido.

Para bem comprehendermos Odivellas, é necessario que saiâmos um pouco do convento, e que vejâmos o que se passava cá por fóra, o que era essa sociedade a um tempo licenciosa e mystica do tempo de D. João V.

Os frades e as freiras, no tempo em que uma ardente vocação religiosa, os arrastava a elles para os seus eremiterios, onde se entregavam ou a praticas asceticas, ou ao cumprimento dos mais altos deveres da caridade e do estudo, a ellas para os cenobios, onde davam dolorosos exemplos de abnegação e de sacrificio, eram em todo o caso perfeitamente respeitaveis. Desde que principiaram a multiplicar-se os conventos, a entrar em contacto com o mundo exterior, desde o momento que passaram a ser um dos elementos componentes da sociedade do seu tempo, entraram na vida normal, e foram simplesmente, elles, tanto os frades como os proprios padres seculares, uma vasta phalange de celibatarios que exerciam nas mulheres devotas a fascinação suprema do seu prestigio e que tinham para quaesquer actos criminosos as facilidades que lhes dava o seu ministerio — a intimidade perigosa do confessionario; ellas uma revoada de pombas mansas — muito mansas mesmo, que possuiam a um tempo a atracção do fructo prohibido e as seducções da facilidade, porque não podiam deixar de ser faceis essas mulheres ociosas, cujo espirito se alimentava com as leituras enervadoras das obras mystico-sensuaes, e que não arriscavam o seu futuro com quaesquer faltas

UMA VISITA AO LIMOEIRO

Cadeia Civil de Lisboa denominada Limoeiro, vista exterior (Desenho do natural por J. R. Christino)

que commettessem, porque não tinham a perspectiva do descrédito, que lhes impedisse o casamento.

Assim é raro que não appareça na chronica escandalosa d'esse tempo um frade, um padre ou uma freira. O padre Luiz Alvares de Aguiar, prior da freguezia de S. Jorge no tempo de D. João V, era um homem de sessenta e cinco annos, muito amavel e muito estimavel. Não impedia isso comtudo que abusasse tão largamente do confessionario que obtivera um verdadeiro harem de raparigas, a ponto de dar escandalo n'um tempo em que não era facil escandalisar pessoa alguma. A Inquisição teve de intervir, mas teve umas benevolencias extraordinarias com elle, benevolencias que não teria, se se provasse que elle detestava o toucinho. Como se provou porém, pelo contrario, que elle não tinha horror algum ás gorduras, comtanto que fossem ao mesmo tempo frescas e floridas, a Inquisição limitou-se a desterral-o. Era necessario não desacreditar o habito.

O conde de Tarouca tinha por amante uma rapariga chamada Pelles, que desposou um criado do conde chamado Rocha, pobre homem que acceitou ser o editor responsavel d'essa Pelles, que não era desprovida de carnes. Um bello dia a Pelles deixou-os ambos afflictissimos, o conde e o marido, porque fugiu ao seu poder bi-marital pelo braço do proprio filho do conde. Mas o capellão da casa, o padre Domingos de Araujo Soares, entendeu que era do seu dever levar para o aprisco aquella ovelha desgarrada, e, se a não levou ao aprisco, foi porque preferiu dar-lhe debaixo dos seus tectos casa, meza, e cama.

Tinham os frades no theatro o seu camarote, chamado exactamente camarote dos frades; d'onde assistiam aos espectaculos por traz dos rotulos que não eram privativos d'esse camarote, mas de todos. Não os impediam de saborear de longe com os olhos os encantos de Petronilla, que tinha uma vivacidade devassa, que compensava aos olhos dos entendedores, entre os quaes primava o sr. D. João V, a sua falta de formosura.

Entre o claustro e o theatro havia n'esse tempo surprehendentes affinidades. Isabel Gamarra era uma actriz hespanhola de rara formosura, casada, e que fazia andar a cabeça á roda a todos os rapazes e velhos de Lisboa, quer fossem frades, quer fossem seculares. Quem teve por ella uma paixão extraordinaria foi o marquez de Gouveia, que, possuindo uma enorme riqueza, podia satisfazer todos os seus caprichos. Um bello dia, Isabel Gamarra deixa os seus trajos de comediante, e entra como religiosa nas Monicas. Que grande exemplo, não é verdade! Imaginem a Patti abandonando ámanhã a scena, e indo bater á porta de um convento! Lembram-se do effeito produzido

pela noticia de que a Bianca Donadio assim ia proceder? Era uma arrependida, não é verdade? uma nova peccadora tocada pela graça divina? uma nova Magdalena, que, voltando as costas aos seus adoradores dos camarins, aos versos de Calderon, ás riquezas, á gloria e ás orgias, se refugiava no claustro para ungir com o precioso nardo os pés de Christo e para lh'os enxugar depois com os seus cabellos? Pois não! Isabel Gamarra parece que se tirou do theatro por ser o claustro mais *chic*. Subiu na escala do *demi-monde*. Os factos o demonstram. O marquez de Gouveia continuou a manter com ella as antigas relações, e é bem possivel até que fosse elle que a aconselhasse a dar esse passo para a separar do marido de quem teria talvez ciumes. Não tinham mysterio essas relações. Para mostrar o seu poder, Isabel Gamarra mandou chamar o marquez em occasião em que elle era tambem chamado por El-Rei, indo na carta a declaração expressa de que, se elle não largasse tudo para ir ter com ella, nunca mais a veria. O marquez ainda chegou a dar ordem ao cocheiro que o levasse ao Paço; mas afinal não poude, correu ás Monicas a lançar-se nos braços de Isabel a dizer-lhe:

— Sabes a que me arrisco por tua causa?

— Sei, respondeu lhe ella radiosa, mas queria esta prova suprema do teu amor.

O marquez, enternecido, deu-lhe o seu retrato cravejado de diamantes.

Pois a Gamarra afinal de contas detestava-o, e talvez, nos seus caprichos de *dama das camelias*, tivesse imaginado essa prova para ter um pretexto de se arrancar dos laços doirados do marquez. Remorsos de religiosa? Qual historia! Paixão de Marion Delorme. O seu Didier era um esbelto rapaz, Valentim da Costa Noronha, a quem, como prova de doido amor, deu esse mesmo retrato, cravejado de diamantes, sendo capaz talvez de dizer ao proprio marquez o destino que lhe déra.

O que é certo é que o marquez sabia da existencia d'esse rival, tanto assim que se desembaraçou d'elle. Primeiro mandou-o assassinar, mas Valentim, auxiliado pelo cavalheiro de Oliveira que conta tudo isto, defendeu-se contra os assassinos assalariados. Em seguida o marquez, como era sobrinho de D. Gaspar da Encarnação, que foi o poderoso ministro de D. João V, mandou o prender por uma especie de *lettre de cachet*, porque as havia tambem em Portugal. Afinal o marquez morreu, mas D. Gaspar da Encarnação, para vingar os seus manes, por muito tempo se oppoz a que soltassem Noronha.

Ora tudo isto se passou, sendo Isabel Gamarra freira professa, e a prova de que nos não enganámos suppondo que fôra por ciumes que o marquez de Gouveia tivera a idéa engenhosa de a tirar do theatro para a metter no claustro, foi que, apenas o marquez morreu, Isabel fez todos os esforços para conseguir que lhe annullassem os votos afim de se poder ligar de novo com o marido, e, como o não conseguisse, fugiu do convento, e lá foram ambos, elle actor e ella actriz, representar para Hespanha.

Esta curiosa Manion Lescaut portugueza, que tinha o seu Des Grieux em Valentim da Costa Noronha, reservava ainda para o marido um pouco da sua affeição.

A Margarida do Monte, uma cigana celebre que tambem gosou das boas graças do sr. D. João V, foi mettida afinal no recolhimento da Rosa, por ciganear demais, mesmo em poder de Sua Magestade. O recolhimento não lhe amorteceu os ardores do sangue bohemio, nem lhe empanou a luz entontecedora das pupillas. É certo que um rapaz, de cujo nome o cavalheiro de Oliveira se não recordava, amou-a e foi amado, e teve d'isso as mais convincentes provas. Entrava no recolhimento disfarçado em carvoeiro, disfarce pouco poetico, devemos confessal-o, mas que ainda assim o não livrou de um fim tragico. Foi descoberto e enforcado, não por violar o recolhimento, mas por caçar em coutada real, embora El-Rei já não caçasse para aquelles lados. O seu nome desappareceu na alcunha que ficou de *carvoeiro da Rosa*. Virá d'ahi o proloqui popular *maré de carvoeiro*, que tão prosaicamente corresponde á poetica *heure du berger* dos francezes?

Contava-se abertamente em toda a parte e com grandes gargalhadas a historia da amante do conde da Atalaya. Ninguem ousava namorar esta rapariga, que aliás a isso se prestava, porque todos temiam o poder e a bravura do conde. Arriscou-se um frade franciscano, e com tanta audacia que o conde não tardou a ser informado do caso. Usando do velho estratagema de fingir uma viagem, o conde da Atalaya voltou de subito, e surprehendeu-os em flagrante. Era á hora do meio dia, e os dois cumplices estavam o mais á fresca que é possivel imaginar-se. De espada em punho, o conde ordena ao frade que saia immediatamente, e na *toilette* em que se encontra. O frade lança-se-lhe aos pés, supplica, implora, encontra-o inflexivel, mas afinal, invocando os sentimentos religiosos do conde, a vergonha que recairia sobre a ordem franciscana, se um frade d'essa congregação fosse encontrado em tão ridicula postura, consegue que elle lhe permitta enfiar o habito. Apenas o veste, o frade saca de um par de pistolas que tinha na algibeira, e diz ao conde:

— Agora, se nos não deixa sair tranquillamente a mim e a esta senhora, faço-lhe saltar os miolos.

A attitude do frade era tão resoluta que o conde, apesar da sua bravura, entendeu que não tinha remedio senão resignar-se, e os dois saíram em paz, safando-se logo em seguida para Hespanha.

Os costumes d'esta sociedade não nos fazem comprehender muito melhor o convento de Odivellas?

Pinheiro Chagas.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

XIV

As casas com 12 andares em Nova-York, os ascensores e os caminhos de ferro aerios — A Benzoyl-sulphuricamide — Observações solares — A cultura da beterraba — Arvores predilectas do raio — Absorpção do acido carbonico pelas folhas — Uma nova pilha de gaz — Succedaneo da quina — Um novo planeta — Astronomia dos antigos egypcios.

New-York é a cidade mais populosa da America. Calcula-se a sua população em 1.200:000 habitantes. Isto com respeito á populacão absoluta, mas a população relativa é enorme. E senão vejam. Como as casas, por falta de espaço não podiam estender se horisontalmente, foram augmentadas no sentido vertical. Ha annos que os mais ricos proprietarios construem predios de 10 ou 12 andares, onde se encontram escriptorios, restaurants, cafés, etc., sendo os ultimos andares os mais caros, pois todos são servidos por meio de ascensores, sem cessar em movimento rapido e onde de cada vez sobem e descem 12 ou 14 pessoas. Estes ascensores teem estações em todos os andares. Isto mesmo influiu na construcção de um caminho de ferro aerio. O que foi construido de 1872 a 1877 tem cinco milhas e de 1877 até 1880 augmentou de mais 27 milhas. Naturalmente a rede aerea de caminhos de ferro de New-York é de 51 kilometros e meio. Os comboios percorrem viaductos elevados, e compõem-se no maximo de quatro carruagens. Em certas linhas os intervallos entre cada comboio são de 3 a 6 minutos. No domingo circulam sómente sobre duas avenidas principaes. A velocidade não passa além de 25 kilometros por hora. As paragens nas estações são de 14 a 50 segundos apenas. O preço dos logares, qualquer que seja a distancia percorrida é de 45 réis, um pouco menos do que pagamos nos carros americanos. Isto das 4 1/2 ás 7 1/2 da manhã ou das 4 1/2 ás 7 1/2 da tarde. Fóra d'este horario custa 90 réis Ao domingo o preço é de 45 réis. Em certas avenidas ha cerca de 200 comboios em movimento. Em occasiões de maior movimento ha mais de 40 partidas de comboios por hora. A maior preoccupação da companhia é a segurança dos viajantes e por isso affirma ella com orgulho que desde 1872, epocha da inauguração da linha dos *tram ways* aerios só uma unica pessoa perdeu a vida, e isto por imprudencia do viajante. Durante esta epocha a companhia tem transportado 580.000:000 viajantes. Se estes viajantes na maioria não fossem os mesmos, que quotidianamente se servem d'esses *tram-ways* poder-se-hia affirmar que os caminhos de ferro aerios de New-York tinham até hoje transportado mais de um terço da população da terra!

— Annuncia-se uma substancia 230 vezes mais adoçante que o assucar, completamente inoffensiva para o organismo e extrahida do alcatrão da *hulha* ou carvão de pedra. É a *Benzoyl-sulphuricamide*. Foi recentemente descoberta pelo dr. Fahlberg, de New-York, É actualmente preparada em Leipzig e tende a substituir o assucar nos usos domesticos, em consequencia do seu maior poder dulcificante.

— O sr. Pacchini, collige das observações solares realisadas durante a primeira metade do anno de 1886, que tem havido diminuição progressiva no phenomeno das manchas do sol e das protuberancias. Todavia as variações manifestadas pelas manchas não concordam com o numero medio das protuberancias que, ao contrario, variaram pouco de um mez para outro. Não parece, pois, que haja intima ligação entre os dois phenomenos.

— O nosso presado amigo e preclarissimo professor dr. José Julio Rodrigues referiu-se em tempo á cultura da beterraba em Portugal, em uma d'aquellas esplendidas prelecções, que tão grande numero de pessoas attrahio ao salão da Trindade. Dizia o sapiente prelector que a beterraba, que fôra expontanea em Portugal, deixára de apparecer, pela falta de cultura, a qual aconselhava como industria agricola das mais rendosas.

Não será pois fóra de proposito, em vista das palavras de tão illustre mestre, fazermos aqui resenha do que sobre essa cultura disse o sr. Aimé Girard. «Desde os primeiros mezes de vegetação, diz elle, a beterraba affirma o seu caracter proximo. Então, quando o seu peso se eleva apenas a um gramma, já a percentagem de assucar contido é de 1,5 por 100.

Mas a vegetação toma uma outra fórma desde o meiado de julho. Sob a influencia directa do sol, os limbos das folhas fabricam saccharose; todos os dias, atravez do periodo das folhas, uma quantidace de saccharose, avaliada pouco mais ou menos em um gramma, se dirige para a raiz, emquanto que por outro lado, extrahidas do solo pelas radiculas uma massa de agua variavel e quantidade de materias mineraes, as quaes podem ser calculadas em 0^{gr},150 ou 0^{gr},200, vem enriquecer o caule e as folhas. A parte essencial da planta, essa raiz napiforme que afinal representa os dois terços do peso da planta, deve d'ahi em diante ser considerada como uma rede vegetal a qual, durante o primeiro anno da vida da beterraba, cresce regularmente com o tempo e cujo tecido, d'uma composição cellulo vascular, d'uma composição sensivelmente constante durante toda a duração d'essa vegetação, se impregna regularmente tambem de agua e de assucar substituindo-se uma ao outro, conforme as circumstancias metereologicas, e formando, em todos os casos, uma somma que rapresenta 94 por 100 do peso da cepa.

— O sr. Symons entende que a condutabilidade de certas arvores e a natureza do terreno em que estão plantadas, determinam o facto de certas especies arboreas serem mais ou menos feridas pelo raio. Assim em Inglaterra são o olmeiro, o carvalho, o freixo e a faia mais frequentemente atacadas que outras arvores de maior elevação Na America são o olmeiro, a nogueira, o carvalho e o pinheiro; e na Allemanha sobre 265 casos 165 carvalhos foram victimas d'esse meteoro electrico.

— Os srs. *Deherain* e *Magnenne* a proposito da absorpção do acido carbonico pelas folhas das plantas, concluiram o seguinte:

1.º A proporção do acido carbonico puro, que as folhas absorvem sob a pressão atmospherica, varia com a quantidade de agua que ellas conteem. 2.º O coefficiente de absorpção é, nos limites ordinarios de temperatura, superior ao coefficiente de solubilidade do mesmo gaz na agua. 3.º Essa absorpção é extremamente rapida, o que explica como as folhas chegam a apoderar-se, para com elle se alimentarem, dos decimos-millessimos de acido carbonico que o ar normal contém.

— O sr. Upwarel inventou uma nova pilha de gaz. Compõe se de uma placa de zinco collocada n'um vaso poroso e immergindo em solução de chloreto de zinco. O espaço entre o vaso poroso e o vaso exterior é occupado por uma placa de carvão cercada de zinco. No fundo do vaso exterior ha um orificio com uma torneira, o qual impede que a solução se accumule no espaço, onde se acham os pedaços de carvão, entre os quaes circula o chloro, que penetra pelo vaso e sae pela parte superior por meio de um tubo que communica com o elemento proximo. Os vasos exteriores são fechados, de modo que o chloro circula entre os carvões de cada um d'elles. Quanto ao resto os elementos acham-se ligados entre si, como os elementos voltaicos. O chloro é produzido n'uma retorta vertical collocada sobre areia e aquecida por meio de alguns bicos de gaz. Dentro colloca-se-lhe chloreto de manganez impregnado de acido sulphurico e o chloro vae introduzir-se n'um outro recipiente. Esta pilha serve para as *lampadas de incandescencia*.

— Um succedaneo da quinina. As sementes da *Guilandina Bonducella* e da *Coesalpinia Bonduc*, plantas do Brazil, onde a primeira é conhecida pelo nome indigena de *Inimbor* e segunda por *silva da praia* — gosam de excellente fama de febrifugos nos climas tropicaes. Os drs. Heckel e F. Schlagdenhauffen, estudando estas sementes, acharam que a parte medicinal é constituida por cotyledones oleosos, formando 40 ou 50 por 100 do peso total e dotados de grande amargor, acompanhado do gosto de legumina crua. É este principio amargo em que residem as propriedades therapeuticas das sementes. O dr. Isnard, ensaiando este succedaneo dos saes de quinina, achou que na dose de 0,10 grammas a 0,20 grammas, é de applicação tão segura como aquelles.

— Um novo planeta foi descoberto pelo sr. Peters no dia 28 de junho ultimo em Clinton. É o planeta n.º 259. Tempo houve em que os astronomos julgavam que somente n'uma zona de 18º ou 20º giravam esses corpos irmãos da terra e subditos como ella do sol, em volta do qual circulam, arrastados assim atravez do espaço incommensuravel. Por isso fóra d'essa zona, — chamada *zodiaco* — não procuravam esses corpos cuja luz com que brilham é a do sol que reflectem.

Desde a mais remota antiguidade que os antigos tiveram a boa idéa de dividir o ceo em grupos de estrellas subordinadas á fórma de certas figuras, para facilitar á memoria a retenção do numero d'esses astros, a sua disposição e ordem. Os livros mais antigos, e que são tidos entre alguns povos por sagrados, falam de algumas constellações. N'este caso o famoso livro de Job. É porem na historia do Egypto, que devemos procurar a origem d'essas figuras, que tanto serviram á Astronomia, pelas suas relações com as crenças, as ficções, os usos civis e religiosos, os phenomenos naturaes, as epochas consagradas á agricultura. Francoeur attribue aos egypcios a invenção do *zodiaco* e das fabulas fundadas sobre o aspecto do ceo. Sobre este ponto, que nós vamos tratar aqui apenas ao de leve, deve ler-se *Dupuis* na sua *Origine de tous les cultes* e a sua memoria *sobre o Zodiaco de Denderah*. As idéas do sabio Dupuis combatidas no seu tempo foram depois plenamente provadas na generalidade.

Dupuis admitte que em tempos remotos o sol deveria estar na constellação de *Capricornio* na epocha do Solsticio do verão e attingindo então o astro o seu limitte mais elevado era comparado ás *cabras*, que tanto estimam os logares altos. Com effeito o *Capricornio*, signo a que os gregos applicaram a ficção da cabra *Amalthéa*, é representada na attitude do repouso, como convem ao Solsticio, e a sua cauda de peixe tem relação com a inundação do Nilo que devia começar em seguida, isto é em meiado de julho. O signo que se lhe segue é o *Aquarium*, signal da inundação que é complecta em agosto, e como o Nilo somente em setembro attinge a sua maior elevação, o signo de *Pisces* ou os peixes indicam que as aguas cobriam toda a superficie do Egypto. *Aries* ou o carneiro convinha ao mez de outubro, tempo em que as aguas, tendo se retirado deixavam a descoberto abundantes pastagens aos rebanhos. *Taurus* ou o toiro annunciava a epocha da lavoura. Os gemeos ou *gemini*, os *cabritos* ou os *amantes* designam novas producções. O *Caranguejo* ou *cancer* allude ao Solsticio do inverno, o caminhar lento e retrogrado do caranqueijo annunciava o mez de janeiro, tempo em que o sol volta para os signos superiores. Em fevereiro, epocha em que no Egypto a vegetação retoma a sua maior actividade, o sol entra no signo ou constellação do *Leão* ou *leo*, que é o symbolo d'essa força. As cearas, figuradas na virgem, *Virgo* indicam que é em março que os egypcios faziam a colheita. O equinoxio ou a egualdade dos dias e das noites é representado pela balança ou *libra*. O *escorpião* ou *scorpio* mostra que é em maio que grassam as doenças contagiosas pelos excessivos calores das estações e os ventos abrasadores da Ethiopia. Finalmente o *Sagittario* fecha o anno com o mez de junho, perseguindo o escorpião — emblema dos ventos do norte, e percursora d'esses beneficos ventos e da inundação do Nilo. É muito possivel que os egypcios tivessem collocado estes signos ou symbolos, não no proprio logar do sol, mas na parte do ceo opposta, de modo que, segundo *Aratus* e *Macrobio* a successão do nascimento á noite de cada signo servisse para regular o calendario. D'este modo não é necessario admittir a inversão dos Solsticios e por conseguinte dos signos. Ainda esta hypothese é de Dupuis o qual diz que em logar de dar á constellação, onde se acha o sol um nome tirado do phenomeno natural contemporaneo, os egypcios tel-o-hiam applicado ao signo afastado 18º e que n'essa epocha se conservaria toda a noite no horisonte. Isto mesmo é facil verificar no nosso horisonte. As constellações radicaes que indicam as estações pela expressão symbolica dos seus signos são as visiveis durante a noite.

João de Mendonça.

O conselheiro João Cesario de Lacerda

Governador geral da Provincia de Cabo-Verde

(Continuação)

IV

As saudades, que entre os Cabo-Verdenses deixou o facultativo João Cesario de Lacerda ao partir para Lisboa no verão de 1870, só podem ser egualadas pelo alvoroço com que no inverno d'esse mesmo anno lá chegou a noticia de haver sido escolhido para Secretario geral da Provincia um cavalheiro tão prestante, e, sobre prestantissimo, altamente zeloso no cumprimento de seus deveres.

Foi o proprio Governador da Provincia quem, pelo conhecimento pessoal das aptidões intellectuaes e moraes que concorriam na pessoa de João de Lacerda, propoz o nome d'elle ao Governo.

E ora começa aqui para o meu biographado uma nova phase na sua carreira publica: — a phase da vida administrativa, em que tantos serviços tem já prestado, e tantissimos ha de, por sem duvida, prestar ainda.

Nomeado Secretario geral por Decreto de 9 de Novembro de 1870, João Cesario de Lacerda seguiu viagem no *Zaire*, de Lisboa para Cabo-Verde, aos 5 de Dezembro d'aquelle anno, — intrando na posse do cargo quatorze dias depois.

N'esse cargo se conservou perto de tres annos completos, porque d'elle sómente veio a ser exonerado por Decreto de 19 de Julho de 1873 (exoneração que elle proprio solicitou), conservando-se no exercicio das funcções respectivas té pessoalmente intregar ao successor o expediente da secretaría em 19 de Outubro.

Depois, por Portaria de 18 de Novembro coube-lhe provisoriamente a delicada e melindrosa tarefa de dirigir na Provincia de Cabo-Verde o serviço de saude. Só em 20 de Janeiro de 1874 é que logrou imbarcar de volta para a sua querida Lisboa.

E, em Lisboa, cá o incontramos durante quasi tres annos volvido ás lides clinicas no Hospital de Marinha ou proficuamente occupado nas mais variadas commissões de serviço medico-naval.

Mas Cabo-Verde é que não podia dispensar-lhe a importancia de seu alto prestimo; dir-se-hia que entre o destino d'aquelles povos e a laboriosa actividade do nosso funccionario se estabelecera uma correlação mysteriosa de attracção reciproca.

Assim o vemos nós, em Dezembro de 1876, partir outra vez como Secretario (proposto pelo Governador Vasco Guedes de Carvalho e Menezes). Lá se conservou trabalhando firme no seu posto até Julho de 1877 (epocha em que regressou a Lisboa, com licença, no intuito de revigorar a saude um pouco quebrantada pela influencia do clima africano).

A maneira por que se houve no desimpenho de tão importante cargo, tanto da primeira como da segunda vez, attestam-n'a os reiterados elogios que amiude lhe dispensavam os governadores com quem serviu.

Mas o que entre todos esses louvores avulta (e por isso o transcrevo aqui) é o officio diririgido pelo conselheiro Albuquerque na occasião de seguir viagem para o reino o seu ex-Secretario.

Vem publicado na Ordem da Armada n.º 3 de 1874 (14 de Fevereiro de 1874), e diz assim:

«Governo Geral da Provincia de Cabo-Verde — Ill.mo e Ex.mo Sr. — Segue hoje para Lisboa o facultativo do quadro de saude da armada João Cesario de Lacerda, ex-secretario geral d'este governo. Peço licença, n'esta occasião, para chamar a attenção de V. Ex.ª para as minhas informações annuaes, relativas a este empregado, devendo ainda accrescentar que é com o maior sentimento que eu e a colonia, que administro, nos vimos privados dos serviços de um funccionario de tão reconhecida intelligencia, provada honestidade, e lealdade pouco vulgar. — Deus Guarde a V. Ex.ª — Quartel General do Governo da Provincia, na cidade da Praia, 20 de Janeiro de 1874 — Ill.mo e Ex.mo Sr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar. — *Caetano Alexandre de Almeida e Albuquerque*, governador geral.»

E note-se aqui uma circumstancia importantissima: — o conselheiro Caetano Alexandre de Almeida e Albuquerque passa, na opinião de muita gente, por ter um genio ultra-rispido, pouco affeiçoado a conferir louvores.

É que o conselheiro Albuquerque préza-se de ser justiceiro, — e, na austeridade do seu nobre caracter, não transige por fórma alguma com essa lepra de que se acha eivada grande parte do funccionalismo publico, — lepra filiada no abuso, que certos politicões arvoraram em principio, de esco lher os logares para os individuos e não os individuos para os logares.

Ha seguramente vinte e cinco annos que eu oiço dizer que, por determinantes d'essa escolha, predominam frequentemente a corrupção e a immoralidade, — servindo-lhe, como impenho imposi tivo, as saias das hetairas e a importancia numerica dos votantes nas campanhas eleitoraes. E recordo-me até de ter já ouvido affirmar que pelo camarim de certas actrizes se abre caminho facil e prompto para o mais alto favoritismo. «Politica de serralho» chamou em tempos a esta coisa um conhecido jornalista, que depois veio a ter ingresso nos conselhos da corôa.

Mas tudo isso quanto cá por fóra se rosnava ácerca de escandalos, patronatos, e relaxações, era por bocca pequena, quasi a medo. Quando uma vez, ha proximamente dois ou tres annos, um redactor do *Diario de Portugal* escreveu, apropositо do caso, não me lembra já que amargas expressões, levantou-se de subito uma celeuma espantosa contra o atrevido que assim practicava a inconveniencia de desvelar os mysterios do santuario! houve quasi em perspectiva um duello!!!...

Ultimamente, porêm, os proprios documentos officiaes parece que vão já accentuando a verdade tristissima de factos deploraveis n'esta comedia offenbachiana.

Em 11 de Janeiro do corrente anno, o conselheiro Jeronymo da Cunha Pimentel, Director da Penitenciaria Central de Lisboa, offereceu no relatorio, dirigido ao Ministro da Justiça, as seguintes textuaes palavras relativamente á fórma por que se estava executando o serviço na secretaría d'aquelle estabelecimento:

«O pessoal da secretaría fixado na lei de 29 de Maio de 1884 compõe-se de um secretario, tres officiaes e quatro amanuenses.

. . . .

«O espaço de tempo que decorreu desde a nomeação do pessoal á abertura da cadeia introduziu insensivelmente na maior parte dos empregados uma falta de habito no trabalho, que forçoso é destruir, imbora isso me force a lançar mão de meios que destoam da minha indole.

«Uma parte d'elles, sem prática de secretaria, — e outros, doentes, obrigados por esse motivo a longas ausencias, — teriam causado sensiveis faltas no seviço, se não acudisse a tudo com uma superior solicitude e distincta intelligencia o illustrado secretario Thomaz Victor da Costa Sequeira.

. . . .

«Mas um empregado só, por grande que seja a sua boa vontade e superior a sua capacidade, não pode satisfazer ás exigencias de um serviço tão vasto e tão complicado como é o d'este estabelecimento; falta-lhe o tempo, imbora lhe sobrem os melhores desejos.

«O pessoal da secretaría é, a meu vêr, sufficiente; mas é preciso que elle seja intelligente, solícito, e capaz de desimpenhar os seus deveres. Quando eu me convença que algum empregado não pode ou não quer cumpril-os, tenho a coragem bastante para cumprir o meu, propondo a V. Ex.ª a sua demissão.»

(Entre parenthesis: — os funccionarios a que allude o relatorio foram adrêde escolhidinhos e nomeados pelo respectivo ministro, conselheiro Lopo Vaz de Sampaio e Mello, amigo e primo do conselheiro Jeronymo Pimentel).

Este relatorio só chegou a sahir publicado no *Diario do Governo* de 5 de Maio (quatro mezes depois de escripto!) e em jornal nenhum (registe-se o facto) appareceram transcriptos os trechos que ora deixo apontados.

O que, porêm, veio sobretudo atordoar a consciencia dos nossos moralões foi a carta monumental, dirigida pelo Dr. Vicente Monteiro em 18 de Julho ultimo á redacção do *Jornal do Commercio*.

D'ella transcrevo alguns periodos; merecem elles ficar archivados, porque são verdadeiros trechos de Tacito, verdadeiros ferros em braza a cauterizar carne podre.

«*Sr. redactor.* — No jornal que v. dirige, e em que tão benevolo tem sido para commigo, acabo de ler a noticia de um conflicto com um empregado superior do Ministerio dos Negocios Extrangeiros, do que se diz resultar o meu pedido de demissão de director politico d'aquella secretaría d'estado.

«Para evitar erradas apreciações a este respeito, a que ha dias se referia já outro jornal da opposição ao governo, devo informar a v. de que nenhum conflicto tive com qualquer empregado d'aquelle ministerio, que todos mantiveram commigo excellentes relações pessoaes durante os poucos dias que alli servi, tendo tido mesmo o prazer de estabelecer amizade com alguns d'elles, com o que me honro.

«Devo ainda accrescentar que dei effectivamente a minha demissão do logar de director por ter reconhecido faltar-me, porventura entre outras qualidades necessarias, a energia bastante para disciplinar devidamente aquella secretaría, que me fôra confiada, e para chamar ao trabalho regular e legal os seus empregados, sem fazer excepções.

«Não podendo dispôr do tempo e mais condições para isso, desisti da tentativa de prestar desinteressadamente ao meu partido e á nação o ser-

viço de dirigir aquella repartição, o que me dava muita honra, mas causava grande prejuizo; e, tendo assim verificado que nada podia fazer de util, retirei-me, deixando vago o logar, que não solicitei, não desejei, e só me prestei a servir por algum tempo, que a rapidez do desingano fez tão curto.

«Limitando-me pois ao exercicio da minha querida profissão de advogado, e ficando exclusivamente á disposição dos meus amigos e constituintes, que em caso algum a gratidão me deixaria abandonar, eu volto ao socego da vida, que me é indispensavel á conservação das poucas forças e saude, de que disponho.

....»

Isto atirado de chofre, e com independencia, por um caracter immaculado e nobre, — isto dito desassombradamente por quem rejeita, no fim de alguns dias, um cargo de elevada categoria e proventos não menos elevados, — fez nem mais, nem menos, que o effeito de uma bomba explosiva rebentando e projectando os estilhaços em todas as direcções, sem attender a condições de partido politico nem de posição social. Não admira, por isso, que entre Tyrios, Troianos, e Gregos, poucos fôssem aquelles a quem não doesse...

E ahi está porque de *rispido* e *intratavel* acoimaram certos sujeitinhos o honrado conselheiro Caetano Alexandre de Almeida e Albuquerque, — caracter justiceiro e recto que sómente sabe tecer louvores a quem, como João Cesario de Lacerda, por direito os mereça.

(Continúa) *Xavier da Cunha.*

UMA VISITA AO LIMOEIRO

A PRISÃO QUE FOI DO CARRASCO, NA CADEIA CIVIL DE LISBOA, O LIMOEIRO

(Desenho do natural por J. R. Christino)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Fabulas de Lafontaine, com illustrações de Gustavo Doré, traduzidas em portuguez por varios poetas portuguezes. David Corazzi, editor, Lisboa. Sahiu o fasciculo 8.º, cujas fabulas são traduzidas por Filinto Elysio, Francisco Palha e Curvo Semedo.

Dramas modernos, por Emilio Richebourg, traducção de Cunha e Sá. David Corazzi, editor, Lisboa. Volume 2.º d'este romance, que está sendo distribuido aos fasciculos aos assignantes das *Horas Romanticas.*

Historia de Gil Braz de Santillana, por Lesage, traducção de J. Cesar Machado. David Corazzi, editor, Lisboa. Fasciculo 28 d'esta bella edição.

Aventuras do capitão Hatteras, 2.ª parte *O deserto de gelo,* por Julio Verne, traducção de Henrique de Macedo. David Corazzi, editor, Lisboa. É o 5.º vol. publicado da grande edição popular, com tanto exito dada á estampa.

O homem que ri, por Victor Hugo, traducção de Maximiano Lemos Junior, Lemos & C.ª, editores. Porto. Fasciculo n.º 4. Em seguida ao *93* publicado por esta empreza editora, principiou a publicação do *Homem que ri,* notavel romance, como todos os do grande poeta da França.

Mozart, *biographias de homens celebres dos tempos antigos e modernos,* etc. David Corazzi, editor. Lisboa. O n.º 18 d'esta interessante collecção de pequenos livros destinados á vulgarisação dos homens mais notaveis do mundo, refere-se ao grande compositor que immortalisou o seu nome com as producções do seu grande talento musical.

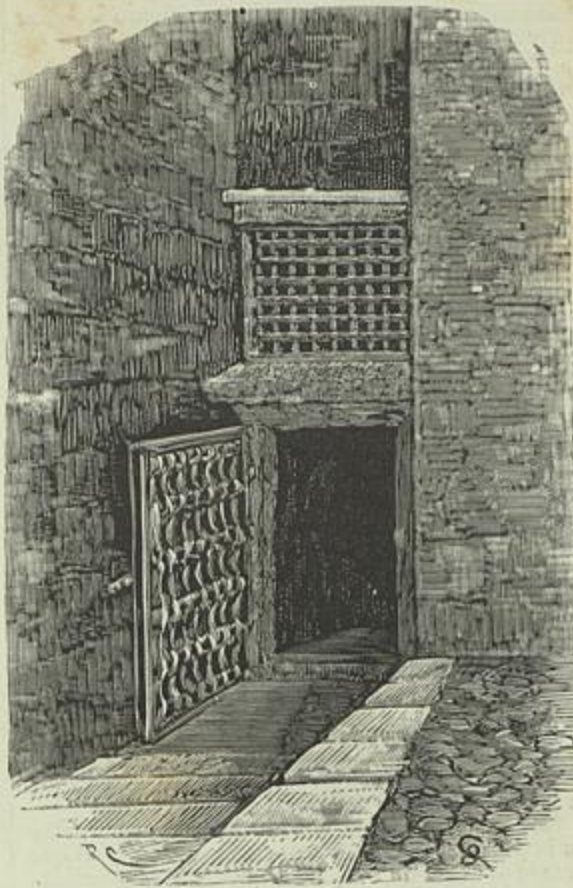
O medico Ferran e o problema scientifico da vaccinação cholerica, *por Eduardo Abreu.* Lisboa, Typ. Universal, 110, rua dos Calafates, 1885. — 8.º grande francez de 256 paginas, mais uma estampa, uma pagina com a explicação d'ella, e uma de indice. Tarde nos chegou á mão este volume, e mais tarde damos conta d'elle, pelo motivo expresso a pagina 112 do nosso presente volume. Resumiremos, por tardio, o que haviamos escripto. O illustre açoriano, affastando-se do julgamento que ácerca do descobrimento do já notavel medico tortosino emittiram as summidades scientificas europeas que foram a Hespanha estudar e analysar os seus processos, levanta a luva que lhe atiraram essas summidades, e, discutindo um por um os seus argumentos, mostra a fraqueza ou inanidade d'elles. O auctor, enviado a Hespanha para o mesmo, não se offende com as recusas ou reservas de D. Jayme Ferran, e conhece-as justificadas pelo viver dos medicos no outro paiz da peninsula. Estuda o morbo desde o seu principio; analysa as opiniões emittidas a esse respeito, os trabalhos de Koch e de Pasteur; passa em revista o que se tem escripto a este respeito, e depois passa ao estudo dos processos de Ferran. Quando analysa os relatorios que sobre o seu methodo e processos se escreveram lá fora, levanta com notavel habilidade e viveza as contradições em que cahiram seus auctores, e reduz as suas opiniões ao verdadeiro valor. Depois de todo o seu estudo e exame, falando do famoso relatorio de Bouardel, prestando homenagem ao grande merito do notavel medico francez, diz que debalde procura no relatorio um argumento importante contra o emprehendimento de Ferran, chegando por ultimo ás conclusões seguintes: que os liquidos usados na vaccinação cholerica pelo medico Ferran exercem uma acção pathogenica evidente; que em alguns casos essa acção é o syndroma benigno de um ataque de cholera morbus asiatico; que a vaccinação cholerica não expõe o individuo a accidentes graves; que a vaccinação e revaccinação conferem immunidade; que esta vaccinação, descoberta e praticada pelo medico hespanhol, constitue um dos emprehendimentos scientificos mais notaveis do seculo actual. Assim presta o auctor homenagem ao merito estranho com honra da sua patria.

RESENHA NOTICIOSA

ACADEMIA DE BELLAS ARTES. A Russia acaba de fundar em Roma uma academia d'esta natureza, na villa Patrizzi, para estudo dos seus artistas.

ESTATUA DE LAMARTINE. Inaugurou-se no dia 7 de junho em Paris a estatua ao grande poeta e inspirado tribuno Affonso de Lamartine. O artista representou Lamartine com o traje de 1830, quando elle, na força da vida e da belleza mascula, tinha conquistado o primeiro logar no Parnaso francez do seu tempo, e inegavelmente uma das mais sympathicas nomeadas nas lettras da sua patria. Está o poeta assentado, com o seu galgo favorito aos pés. Diz-se que a expressão da estatua é digna e altiva. Parece-nos que aquelle monumento, representando uma phase de tranquillidade e poesia, conviria mais para Milly, a terra favorita do poeta, e em Paris caberia melhor a representação do inspirado orador, que, com o gesto soberano e o verbo inspirado e musical, fazia aquietar a multidão, que, rugindo furiosa, rompia em applausos e em exclamações de humanidade ao acabar de ouvi-o. Pronunciaram-se varios discursos, e entre elles o de Floquet, que entre muitas coisas disse que glorificava o homem que tinha conservado ao exercito a bandeira da revolução. Ainda ha pouco ouvimos um veneravel francez recordar-se d'esse dia critico, em que o exercito e povo amotinado reclamava a bandeira vermelha, e o grande poeta, sereno e tranquillo, dominando a multidão com o seu olhar de convicção, pronunciou um brilhante improviso que fez serenar a tempestade e mudar os sentimentos do povo francez a esse respeito. Este povo deve lembrar-se tambem que foram Lamartine e Louis Blanc os que escreveram per seu proprio punho o decreto abolindo a pena de morte. Em quanto houver homens de coração, o nome de Lamartine será lembrado, e muitos dos seus versos saboreados por quantos sabem sentir.

OUTRA. Sete dias depois, e tambem em Paris, na praça de S. Germano des Prais, no bairro Latino, era inaugurada outra estatua. O vulto que ella representa é o de Diderot. Este nome traz em si a incarnação do genio poderoso, espirito clarissimo, critico illustrado e original que concorreu com o poder da sua eloquencia, manifestada em tantas producções diversas e por tão diverso modo, para a revolução social do fim do seculo passado. Diderot e D'Alembert são os dois principaes auctores da *Encyclopedia methodica.*

OUTRA. Os francezes teem desenvolvido ultimamente o culto das apotheoses aos grandes homens, e a França dentro em pouco será outra Roma e Athenas. Em poucos annos tem sido consideravel o numero de monumentos, estatuas e bustos erguidos á memoria dos que prestaram serviços á patria, ou por ella pereceram, ou aos seus grandes homens. É assim que no dia 18 do mesmo mez era inaugurada em Nouart, nas Ardennes, a estatua do general Chanzy, o commandante do 2.º exercito do Loire, que, seguindo os exemplos do seu primeiro chefe general Aurelles de Paladine, soube manter a honra das armas francezas, e conservar-se em posição regular na frente dos allemães na famosa campanha de 1870. Houve uma circumstancia que causou vivo enthusiasmo na multidão. Como o general Chanzy foi durante annos representante da França em S. Petersburgo, compareceu na solemnidade a prestar as suas homenagens de respeito o general russo Fredericks. A sua vista o povo enthusiasmado exclamava: «Viva a França! Viva a Russia!»

BUSTO DE RABELAIS. Quem ha que não conheça este escriptor original, monge e medico, conego e cura, sempre satyrico, que verberou todas as fraquezas, abusões e hypocrisias, com um estylo que foi a norma do verdadeiro espirito gaulez? A terra onde finalmente encontrou a tranquillidade no exercicio pastoral levantou áquelle genio, um tanto estravagante, um busto em honra da sua memoria. «É certo, diz um escriptor, que toda a gente fala de Rabelais, mas ha poucos que o entendam.»

MUSEU DO LOUVRE. Este importante museu acaba de ser enriquecido com algumas obras d'arte de subido valor. São ellas um quadro de Donatello representando a Madona de Pazzi, e que tinha estado no museu de Berlim; um busto em marmore, obra do seculo XV; um baixo relevo em pasta dourada, de Jacopo Samovino; uma cabeça de granito egypcia; um cão de caça de bassalto negro, exemplar que deve ter mais de 3:000 annos, etc.

PROFANAÇÃO MISERAVEL. A junta de parochia de Refojos costuma vender o matto ou erva que cresce no cemiterio. Ultimamente essa miseravel especulação produziu 800 réis. Quando venderá ella tambem os ossos dos defuntos?

EFFEITOS DO CHOLERA EM HESPANHA. Pela estatistica publicada no reino visinho relativa ás victimas que o cholera fez n'aquelle paiz durante o anno de 1885, vê-se que o numero de atacados foi de 338:685 e fallecidos 119:620.

TYP. ELZEVIRIANA — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.